

V.10 N.1 JANEIRO DE 2024

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

<i>Hist. que mer. ser cont.</i>	Sapucaia do Sul	v. 10	n. 1	p. 1-60	2024
---------------------------------	-----------------	-------	------	---------	------

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 - Piratini

Sapucaia do Sul - RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9200

E-mail: ss-ccs@sapucaia.ifsul.edu.br

Organizador:

Misael Kruger Lemes

Projeto gráfico e diagramação:

Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 10, n. 1, (janeiro, 2024). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação	7
Texto do convidado	9
A retomada aos estudos	12
Ana Carolina de Lima Vargas	12
Nossa vida construída com pessoas do bem.....	16
Catia Gessi Miguel Pedroso.....	16
Um Novo Recomeço	20
Cesar Varela da Silva Filho	20
Viagem a São Paulo.....	25
Deivid Uóllace Camargo da Silva	25
Anunciação sobrenatural de uma gestação	28
Endieri Gabriela Amarante de Souza	28
Histórias da minha infância	31
Leticia Santos da Silveira	31
Lembranças de infância.....	33
Luciana da Silva	33
O recomeço	35
Maisa Falcão Ishikawa	35
Um Sonho.....	38
Maria Cristina Renner.....	38
O preconceito nos derruba ou nos impulsiona	40
Maria Maquele Mendes Pereira.....	40
Meu recomeço.....	50

Rafaela Parodes Borges	50
Casal que estuda unido, se forma unido	52
Tiago de Castro de Souza	52
A Travessia	54
Yiserling Daneska Fernandez Salazar	54

Apresentação

Prof. Misael Kruger Lemes

Prezadas leitoras e leitores,

É com imensa honra que apresentamos à Comunidade mais uma edição do Projeto Histórias que merecem ser contadas. Para iniciar, trago o fragmento de um poema de Guimarães Rosa, renomado escritor brasileiro, por quem tenho muito apreço.

Todo caminho da gente é resvaloso.
Mas também, cair não prejudica demais
A gente levanta, a gente sobe, a gente volta!...
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
Sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J.G. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

E, aliás, coragem, determinação e superação são alguns dos principais substantivos que extraímos na leitura das treze histórias aqui contadas. Enquanto professor da turma desde o seu primeiro semestre, posso afirmar que cada estudante sempre demonstrou o desejo de aprender, de compartilhar seus

conhecimentos, e, acima de tudo, de viver a vida em sua plenitude.

Nesse sentido, o projeto Histórias que merecem ser contadas, ao dar voz e protagonismo aos estudantes, é capaz de eternizar memórias que de agora em diante tocarão inúmeros corações, fornecendo inspiração e perspectiva aos leitores, além de contribuir para a construção da memória coletiva dos estudantes desta instituição, a quem, aliás, parabênizo por fomentar tão importante prática pedagógica.

Que este livro seja mais do que um simples objeto, mas que desperte sorrisos, reflexões e descobertas. Boa leitura!

Texto do convidado

Prof. Douglas Michel Ribeiro Porto

“Histórias que merecem ser contadas” é um projeto fabuloso porque nos fala sobre a vida. Permite aos leitores acessarem a existência das autoras e autores através de fragmentos de suas vidas marcados por angústias, tristezas, traumas, alegrias, encontros, mudanças, sonhos diurnos, saudades. Para compreendermos a riqueza da Obra que temos em mãos é necessário refletirmos um pouco sobre algo fundamental: a vida humana.

Afinal, “o que é a vida?”. Os seres humanos sabem bem viver a vida. Por outro lado, responder à pergunta sobre o que é a vida ou qual seu sentido é sempre precário. A resposta para essa questão fundamental é perseguida há séculos por intelectuais de diferentes campos do conhecimento: poetas, pintores, escritores, psicólogas, sociólogos, filósofas, teólogos, biólogas. Infelizmente, ou felizmente, não há até aqui respostas definitivas para essa questão, pois a vida é um oceano abissal difícil de sondar. Todavia não impossível!

Os estudiosos da existência humana construíram o seguinte consenso mínimo: a vida não se deixa explicar, nunca; entretanto, é possível e desejável elucidar algumas de suas dimensões. Para isso, é imperativo prestar atenção em duas dimensões elementares: nas relações-encontros que se desdobram na vida cotidiana e no tempo.

É no cotidiano das relações, dos encontros e desencontros, que os seres humanos, ao mesmo tempo, fabricam a si-mesmos

e uns aos outros. É na vida cotidiana que os indivíduos narram, registram, escrevem suas próprias histórias. Cada história de vida individual carrega em si a influência e o atravessamento, positivo e negativo, da existência de dezenas, centenas de outras pessoas. Ninguém se basta! Para existir, todas e todos dependem da relação com o outro. É sempre na presença, na palavra, no olhar, no gesto, no pensamento dirigido ao outro que a vida é forjada cotidianamente.

A vida humana e o tempo confundem-se. Tempo é um outro nome para vida. No entanto, é preciso evidenciar sobre qual tempo estamos falando. O tempo não existe em si, não é algo exterior, anterior e nem posterior ao humano. O tempo existe enquanto o ser humano, o seu criador, existir. Porém, os seres humanos em sua mágica capacidade de criação, muitas vezes, maravilham-se tanto com determinadas criações que ocultam algumas outras para si.

O relógio é uma magnífica engenhoca criada por nós. Mas, ao contrário do que se pensa, o tempo não está nele. O relógio serve para representar o tempo, para quantificar o tempo em unidades de medida que permitam ao ser humano desenvolver suas atividades racionais: ciência e técnica. No relógio, o tempo, simplesmente, passa. O nome desse tempo é *chronos*.

Há uma outra forma de temporalidade humana. E essa outra forma é um tempo que não passa e não é quantificável. É o tempo da criação da vida. É o tempo da subjetividade, da esperança, da utopia. É o tempo das ações e relações humanas que fazem do ser humano humano. Esse tempo cristaliza-se no corpo humano e na sociedade humana. Esse tempo é a própria

vida. Ele estrutura as relações cotidianas. O nome desse tempo é kairós. Para observá-lo basta olhar para um rosto, nele estão gravadas, irremediavelmente, todas as experiências que este ser humano viveu e as que deseja viver.

Dito isso, o livro que você tem em mãos, "Histórias que merecem ser contadas", faz justiça a esse tempo criador da vida cotidiana. Ele conta um cristal da vida de cada uma de suas autoras e autores. Em sua composição geral, ele é uma colcha de retalhos colorida e vibrante feita de relações-encontros cotidianos e de tempo. A obra narra experiências da e na vida.

Mario Quintana, poeta que condensa complexidades de modo singelo, nos diz que: "a vida é preciosa como um pão roubado". O leitor que for capaz de apreender a densidade dessa alegoria quintanera conseguirá apreender a beleza, a sutileza e a profundidade dos singelos fragmentos de vida que compõem a presente obra.

A retomada aos estudos

Ana Carolina de Lima Vargas

Quando eu estava no Ensino Médio, no primeiro ano, pelos meus 17 anos de idade, era tão nova e não sabia o quão o ensino era importante na minha vida ou de uma pessoa. Dificilmente frequentava as aulas, acabava não indo. E certamente a consequência era a reprovação. Comecei a trabalhar e com isso eu não soube conciliar as duas coisas.

Um ano e meio depois fiquei grávida do meu primeiro filho, Miguel, obtive a licença maternidade, e, após o término, voltei a trabalhar. Depois de cinco a seis meses, fiquei grávida do segundo filho, Vitor, passados os seis meses de licença voltei a trabalhar novamente. E começou a me bater o arrependimento de não ter terminado os estudos. Com isso, me surgiu a idéia de fazer a inscrição das provas que têm todos os anos, que são do Encceja, que é uma forma de concluir o ensino fundamental ou o ensino médio, que, no meu caso, era o médio que eu precisava da conclusão, esse episódio aconteceu no ano de 2019, quando me inscrevi, no início do ano, para fazer a prova no final do ano. A prova foi feita em duas etapas, em dois dias, e consegui fazê-las ambas.

Esperei a data da publicação para ver se tinha conseguido atingir a pontuação, e vi que tinha conseguido em todas as disciplinas, fiquei contente com o resultado, pois havia conseguido o que eu queria. Mesmo assim, sentia que precisava de mais, eu sabia que precisava voltar a estudar, mas não imaginava quando seria. Passados quase dois anos, conheci uma

pessoa muito especial que me motivou e me mostrou o quanto eu poderia ir além de onde estava.

Depois de um ano, em 2022, um certo dia, estava no celular olhando a página inicial do Facebook, e vi uma postagem da página do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) Campus Sapucaia do Sul, que publicou o Edital para inscrição no Curso Técnico em Administração. Como já era algo nesta área que eu gostaria de seguir, logo entrei e me inscrevi, deixando meu e-mail e número do celular para contato. Passaram-se algumas semanas, chegou a notificação no meu celular do e-mail convocando-me para uma palestra no Instituto, dados a data e o horário, me programei. Chegando lá no dia marcado, tomei meu assento e assisti, do início ao fim, a palestra, quando os servidores explicaram como funcionava o curso, e que seria por sorteio e ocorreria por um vídeo no YouTube, e a única coisa havia me deixado cabisbaixa era o fato de que a seleção seria por sorteio, fiquei pensando: “eu nunca tenho sorte com sorteios, mas espero que dê certo...”, pensando comigo mesma.

Passados alguns dias, foi feita a transmissão do vídeo do sorteio, pelo YouTube, não consegui assistir no horário, mas consegui encontrar o vídeo algumas horas depois, e muito nervosa e ansiosa para saber do resultado, quando o servidor pegou aquele papel, eu fiquei: “por favor, seja o meu nome”, então ele abriu, leu o nome e disse: “Ana Carolina de Lima Vargas”, e eu comecei a chorar, e agradecer a quem sempre está ao meu lado, me protegendo, meus guardiões, fiquei tão feliz que não parava de andar pela casa, tremia de tanta felicidade. Depois de todo o nervosismo e a ansiedade para voltar a estudar,

chegou o dia de ir ao Instituto, o famoso ditado: “o primeiro dia de aula”. Os servidores são todos excelentes, muito atenciosos e preocupados que os alunos possam sair dali entendendo a matéria.

Hoje, no ano de 2023, estou no 4º semestre, faltando dois semestres para me formar, me vejo outra pessoa, é bem como eles nos falam antes de iniciar, que quando nós entramos no Instituto somos de um jeito e quando saímos somos outra pessoa, com outros pensamentos, com posicionamentos diferentes, com outra visão sobre muitas coisas. O IFSul me abriu portas, oportunidades, me trouxe conhecimentos, vivências diferentes do que nunca tinha tido antes. A minha experiência de estudos no IFSul está sendo tão beneficente que hoje em dia decidi fazer a minha Graduação em EAD, porque o IFSul me deu a sabedoria do entendimento, no que antes eu tinha dificuldades de entender, hoje eu consigo fazer tranquilamente, e isso é muito gratificante. As frases que eu mais falo e tenho testemunhas para contestar, são: “eu não me vejo sem o IFSul”, “o que vou fazer depois que eu me formar?”, “eu quero estudar ali sempre”, “não quero sair do IFSul.”

Eu, como pessoa, só tenho a agradecer por todo o conhecimento que obtive neste Instituto durante este tempo que estou aqui, hoje em dia eu dou valor ao estudo, prezo por ele, e não fico mais sem. Tenho dois filhos meninos, como havia citado acima, agora o Miguel tem 6 anos e o Vitor tem 5 anos, e preciso dar exemplo a eles, motivando-os a estudar, e seguir o ritmo dos estudos até que consigam um emprego bom, um salário melhor, para que possam ter mais qualidade de vida, e poder desfrutar dos conhecimentos adquiridos. E que eles

possam seguir neste mesmo caminho, e ensinando os filhos deles, e assim por diante. O que cada um de nós pudermos fazer de melhor e repassar o que aprendemos, conseqüentemente as próximas gerações irão fazer o que for melhor para mudar muitas coisas neste mundo.

Nossa vida construída com pessoas do bem

Catia Gessi Miguel Pedroso

Começo minha história afirmando que nem todos os sogros são perversos. Contrariando a tudo isso, meus sogros foram os anjos na minha vida, pois foram como pai e mãe. Meu sogro, por exemplo, se chamava Santo, e ele não poderia ter vivido de maneira diferente à que viveu para honrar o próprio nome de batismo... Talvez eu não consiga expressar o meu sentimento e o valor que este ser teve na minha vida, mas espero que consiga entender.

Santo, um homem alto, de cabelos brancos, com um bigode bem aparado, bem arrumado, com uma boa camisa e



calça social, não importava a hora ou o dia, sempre recebia as pessoas com um mate, um café ou mesmo um almoço. Adorava uma visita, ele tinha assunto para tudo, adorava prosear e

contar suas experiências, principalmente experiências do quartel. Com muito orgulho e satisfação sobre suas experiências

de como fazia o chimarrão dos tenentes ou do coronel de forma caprichosa. Ele dizia que recebia muitos elogios pelo seu capricho. Os olhos dele brilhavam quando os netos entraram no quartel. Ele dava conselhos, explicando como fazia em situações difíceis.

Seu Santo, juntamente com sua esposa, dona Idolores, vieram do interior do Rio Grande do Sul. Eles tinham conhecimento de como fazer uma plantação e de como criar alguns bichos. Logo, como já estava aposentado, resolveu comprar um pequeno sítio, onde fazia suas plantações, criava galinhas, era um espaço muito bonito, e nesse sítio ele mandou fazer um açude, onde começou a criar carpas. Ele costumava ir até a beira do açude e chamava as carpas... elas vinham até ele para poder receber comida diretamente da mão dele. Era bonito ver essas coisas...

A maioria das vezes, eu ficava questionando:

— Por que será que ele planta tanto? Eu nunca vejo nada...

Na verdade, ele plantava somente para dar para as visitas, pois toda vez que as visitas lá chegavam, ele ia até a horta e apanhava algo — um tempero ou um aipim — para doar, quem fosse lá, ele dava. Era um desapego, um carinho tão diferente que dificilmente vemos por aí hoje!

Dona Idolores sempre receptiva também, porém com um diferencial: ela aprendeu a gostar de futebol, então, devido a ela ter quatro meninos em casa, acabou aprendendo e conhecendo o futebol. Ela dominava todos os campeonatos e os jogadores.

Quando era dia de Brasileirão ou Grenal, ela largava tudo para poder assistir ao jogo, nunca deixou, inclusive, de assistir a um jogo por causa de uma novela.

Uma grande mãe, paciente, carinhosa, firme e uma mulher forte! Com eles eu aprendi o que é um formato de família, pois sempre tinham uma palavra boa, algo para conduzir, para dizer no momento que alguém precisasse, como se fossem pais ou mães que estivessem sempre à disposição para atender um pedido ou estender a mão.

Como eu vim de uma família que já era de pais separados, era diferente da família dos meus sogros, com seus filhos criados de uma forma carinhosa, com cuidado e preocupação em relação aos estudos, à saúde, que estavam disponíveis para quando o filho precisasse.

Eu não tive isso. Fui aprender isso quando eu conheci e passei a conviver com Adorno, Idolores e Seu Santo. Isso veio deles. Então, a minha gratidão é enorme quando paro para pensar ou converso sobre família, o significado de família, filhos, netos... Daí vem aquela gratidão, aquela admiração em relação aos dois. Eles, para mim, são um exemplo de pai e mãe que constituíram família e fizeram a sua parte bem feita. E isso agrega às noras, aos netos que foram chegando, e isso tudo é muito bonito.

Por isso que digo que a tradicional família vem dessa forma. Eu, Cátia, vim de uma família desestruturada, por isso vejo dessa forma. Gratidão por ter vivido isso. Sou abençoada por Deus por ter convivido e aprendido com eles, que fizeram parte de todo o meu aprendizado como adulta, com o ser humano, como mãe e como esposa.

Amor e gratidão eternos!

Um Novo Recomeço

Cesar Varela da Silva Filho

Uma oportunidade às vezes demora a aparecer, mas quando aparece, agarre e vá atrás dos seus sonhos, não será fácil, pois nisso o tempo passa e perdemos pessoas importantes para nós, a saudade aperta e, por muitas vezes, pensamos em desistir.

A minha história começa em uma madrugada, quando entro em um carro de Uber, saindo da rua Diogo Feijó, nº 484, rumo ao aeroporto Pinto Martins para pegar um voo para o Rio Grande do Sul. O voo teve escala em São Paulo, foram mais ou menos umas 7 horas de viagem.

Fora isso, era um misto de sentimentos: medo, e uma ansiedade por viver novas experiências... Realmente essas novas experiências vieram oportunamente, pois onde eu morava não havia tanta segurança como encontrei aqui no Rio Grande do Sul, já que, rapidamente, aqui consegui trabalhar em estágio pelo CIEE, e o que também me encantou foi a condução do



trem, a rapidez de chegar aos lugares usando esse meio de transporte que eu ainda não havia usado, mas o encanto pela natureza aqui preservada em seus parques, como o da Redenção, também ganharam meu coração.

Quando cheguei no Sul era inverno e eu nunca tinha passado por uma experiência de viver em um lugar onde realmente há todas as estações, e a melhor dela para mim foi o inverno, aliás, o frio me assustou pois eu tinha nem roupa para isso, mas graças a Deus a pessoa que foi me buscar no aeroporto foi mais prevenida do que eu. Cheguei aqui, entrei no trem e fui rumo à cidade de Sapucaia do Sul. Tudo me encantou no início, e ainda me encanta, pois nunca tinha entrado em trem antes disso, essa foi a minha primeira vez.

No dia seguinte, fui ao centro de Sapucaia, pois morava na Colina Verde. O ônibus foi bem rápido até o centro. Comprei mais alguns casacos e calças, e em seguida fui atrás de uma escola para estudar perto de casa, que foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Walmir dos Santos Martin, onde fiquei apenas uns dois meses, acabei não me adaptando e passei a estudar na escola Júlio Stroher, onde terminei o ensino fundamental na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Foi nessa mesma escola, no último ano, em que fomos incentivados a nos inscrever no IFSul de Sapucaia do Sul pela nossa diretora da época, que aqui vou chamar de D.N. Não fui fazer a inscrição, mas fiquei com aquilo na cabeça e quando a oportunidade surgiu novamente eu a “agarrei” e me inscrevi. Fiquei como suplente e na mesma época acabei indo para Fortaleza, pois minha avó não estava bem de saúde... como tinha ficado na suplência, fui chamado, porém não vi a tempo e,

por consequência, perdi a oportunidade e fiquei muito triste e chateado, mas talvez não era aquele o momento.

O tempo passou, minha avó melhorou e retornei ao Sul novamente. Como eu ainda tinha apenas o ensino fundamental finalizado, decidi fazer o médio no Cecília Meireles, na EJA, no turno da noite, e com a volta aos estudos, consegui um estágio pelo CIEE.

Depois de começar a estagiar pelo CIEE na área de Telemarketing, aprendi muito, então continuei o estudo no ensino médio trabalhando pelo CIEE. Trabalhar e estudar não é fácil, mas consegui concluir o ensino médio na EJA.

Quero também ressaltar a importância da EJA na minha vida para a conclusão dos meus estudos e da aquisição de conhecimento. Concluí tanto o ensino fundamental como o ensino médio pela EJA, e após o término do ensino médio, saí do serviço de Call Center onde eu estava pelo CIEE e viajei para Fortaleza, de onde sou natural. No terceiro dia morando lá, já consegui emprego em atendimento no centro da cidade e dei continuidade aos meus estudos. Me inscrevi no curso de Radiologia, no bairro da Messejana, onde eu morava.

A rotina de estudo e trabalho estava novamente em minha vida, era trabalho pela manhã e tarde e estudo à noite, uma rotina diária e uma correria do centro ao bairro da Messejana, quase todo dia, para poder chegar no curso a tempo. Essa rotina durou exatamente um ano, quando começaram as notícias na TV acerca de um surto de gripe ou nova gripe na China, que depois virou uma pandemia no mundo inteiro, a Covid-19. Meu curso de radiologia também foi afetado, porque, com a chegada do vírus, meu curso mudou para o formato

online, que para mim não era viável continuar de tal forma, então, optei por pará-lo.

Fortaleza, assim como todos os locais do Brasil, estava entrando em lockdown - (confinamento), fora o medo de pegar o vírus ou algum parente contraí-lo, então acabei decidindo voltar, novamente, para o Rio Grande do Sul, para a cidade de Sapucaia do Sul depois que as coisas acalmaram e dentro de um mês voltei a trabalhar.

Trabalhando na empresa que vou chamar de RB, no Rio Grande do Sul, em Canoas, certo dia, em uma saída do serviço e voltando para casa, ouço no trem umas meninas falando sobre uma nova empresa que havia recém sido aberta, a que vou chamar de SNTR, uma empresa de grande porte. Ao chegar em casa, pesquisei sobre a tal empresa e envio meu currículo pelo site com o qual a empresa tem parceria, e dentro de duas semanas, sou chamado, faço a entrevista e sou contratado.

Sentia, no entanto, que, mesmo trabalhando, algo ainda me faltava. Pensei em voltar a estudar e logo pesquisei no Google pelo IFSul, que era uma instituição que eu conhecia, a mesma sugerida pela diretora de onde havia cursado meu ensino fundamental.

Por sorte, o IFSul estava com oportunidades abertas para o curso de administração, foi quando decidi me inscrever, tendo sido um dos selecionados. E a vida de trabalho e estudo continuava, mas dessa vez, sem desistência, pois vou chegar ao final e concluir meu curso.

Nessa empresa, a SNTR, um colega comentou que estava dando entrada em um apartamento a partir do contracheque e de um programa do governo, ele disse ter conseguido comprar seu

próprio apartamento. Fiquei bem interessado, chegando em casa, pesquisei sobre o tal programa e encontrei o telefone de uma corretora de imóveis na internet. Enviei uma mensagem a ela, que vou chamar de AG, e ela me respondeu no mesmo dia para marcarmos uma data para conversar... Depois da conversa com a corretora, ela pediu meus documentos e demos entrada na compra do imóvel financiado pela Caixa Econômica Federal: um lindo apartamento da construtora Tenda, em Canoas, onde moro atualmente. E meus estudos no IFSul também continuam a todo vapor, em breve espero concluí-los. Por isso, se não tivesse feito as escolhas que fiz, em busca de oportunidades, talvez não teria adquirido as conquistas das quais usufruo hoje.

Viagem a São Paulo

Deivid Uóllace Camargo da Silva

Foi em um final de ano de 2020, eu e minha família decidimos fazer uma viagem para São Paulo de carro para a fazenda dos meus avós, no interior de São Paulo, foi aquela folia, uma decisão bem acirrada. Como nós vamos? de ônibus, carro ou de avião? Decidimos, então, ir de carro. Fomos ao mecânico fazer revisão e, assim que foi feita a revisão, compramos pneus novos e, por último, pintamos o carro e fomos nos preparando para fazer as economias para gasolina, alimentação e pousada e foi aí que a angústia e a preocupação começaram a nos pegar.

Com o carro na mecânica, já há alguns meses, pegamos o nosso carro quase na véspera do natal, entramos no carro, eu e minha família, fomos eu, meus dois irmãos, meu pai e minha mãe e fomos rumo ao nosso destino. Começamos nossa viagem bem tranquila, saímos era umas 5 horas da madrugada, poucos carros na faixa, era só nós com nosso uno azul marinho na estrada, não lembro de muita coisa, porque acabei dormindo e só acordei quando começamos a subir a serra. Ver aquela serração de manhã, aquele friozinho... de repente, começamos a ouvir um barulho estranho na roda dianteira do lado do carona. Paramos em Chapecó, Santa Catarina, para arrumar o problema e lá ficamos, em uma lanchonete, até o carro ser arrumado e depois que o problema do carro foi solucionado, seguimos viagem. Paramos em Umuarama, no Paraná, para podermos descansar. Ficamos naquela cidade a noite toda, aproveitamos e demos uma de turista, fomos em alguns lugares e depois

voltamos para nosso hotel. Passamos a noite lá, dormimos, pois já estávamos quase perto do nosso destino, faltavam 600 km para chegarmos.

Na manhã do dia seguinte, nos levantamos por volta das 7 horas da manhã e fomos tomar café da manhã no hotel, eram várias opções para experimentar, só coisas boas, tomamos o café bem sossegados, com calma, e depois, seguimos a viagem. Dali em diante, já deu para sentir como é calor na região do Paraná e São Paulo, muito calor, estava tão quente que nós só queríamos chegar logo no nosso destino. Antes de chegarmos, eu e meu irmão falamos um para o outro: “aqui é bem interior mesmo”. Eram só fazendas e campos verdes com gados. Chegamos no sítio dos meus avós, foi uma chegada bem emocionante, fazia tempo que meu pai não via os pais deles e eu e meus irmãos não os conhecíamos, ainda assim foi um nervosismo, uma angústia; mas fomos bem recebidos, bem tratados e daquele dia em diante nossa rotina foi mudando: cuidar da horta e pegar manga direto no pé, comemos uma fruta que nem sabíamos o que era, se chama jaca, uma fruta grande, verde e bem doce, percebemos, também, a diferença dos nossos sotaques.

Uma coisa que jamais vou esquecer é da nossa rotina no campo, cuidar do gado, da piscicultura que meu avô criava. Acordávamos cedo e andávamos na grama molhada toda a noite, fazíamos uma fogueira e assávamos milho colhido direto do milharal. Para irmos à cidade mais próxima, levava 26km, para irmos visitar o vizinho, era necessário atravessar todo o pasto, levava cerca de uma meia hora para chegar, mas foi uma experiência, uma viagem que eu repetiria várias vezes. Porém, tudo que é bom dura pouco, tivemos que voltar para nossa casa

no Rio Grande do Sul. Foi uma despedida com um arrependimento, uma vontade de ficar mais um pouco, pois não estava com vontade de voltar para casa, mas tivemos que voltar.

Nosso carro foi e voltou. Na volta, ficamos observando cada lugar que passamos, prestando atenção e pensando como mudou nossa rotina de um dia para o outro... antes, tínhamos poucos lugares para caminhar com um pátio pequeno e lá era enorme, tanto que quando íamos dormir sentia aquela canseira nas pernas. Na volta, paramos em Santa Catarina, jantamos em um restaurante mais próximo do nosso hotel, andamos um pouco na praça da cidade e depois fomos para o hotel dormir. Logo de manhã cedo, nos arrumamos para tomar café da manhã sem pressa e depois saímos e seguimos nossa viagem de volta para casa. A viagem durou a manhã toda andando de carro. Por volta das 16 horas da tarde, chegamos em casa, foi aquela folia de chegar e se deitar na cama, se sentir em casa novamente. Foi a melhor coisa estar em casa depois de uma viagem longa e cansativa. Já estamos planejando a próxima aventura...

Anunciação sobrenatural de uma gestação

Endieri Gabriela Amarante de Souza

Em uma tarde de 2015, estávamos eu e a minha filha Ângela, que tinha 3 anos, na sala de casa. Quando Ângela, que brincava com seu jogo de chá, serviu duas xícaras, uma para ela e a outra para sua “amiga imaginária”. Ângela passou uma semana brincando dessa maneira com sua “amiga imaginária”. Logo após essa semana, sonhei com algo um tanto intrigante. Sonhei que uma menina de uns 7 anos aproximadamente, cabelos negros com franja, um vestido branco com listras rosas, estava ao lado de uma mulher que parecia ser sua mãe, com vestido azul, ambas com sangue em suas roupas, quando passaram a se comunicar comigo por telepatia.

As duas estavam em um lugar escuro com um foco de luz sobre elas. A menina falava dentro da minha cabeça, que ela deveria reencarnar e que eu deveria ser a sua mãe. No entanto, a mulher que a acompanhava, me transmitia uma sensação de fúria, pois não queria se separar da sua filha”. A menina conversou comigo algo que não me recordo, e conforme ela ia falando, a sua “mãe” passou a se conformar e passava a me aceitar como a próxima mãe. O sonho parecia tão real, que fecho meus olhos e as lentes da memória o reproduzem com ricos detalhes até hoje. Passei vários dias com uma angústia em meu peito, pensativa a todo tempo com o acontecido.

Naquela mesma semana, iniciou-se o meu atraso menstrual. Ao passarem 2 dias de atraso, me encorajei a fazer

um teste gestacional de farmácia. Então, veio a confirmação: eu estava grávida, embora eu tomasse anticoncepcional (Diclin). Fiquei chocada com tudo, com o sonho, com as brincadeiras da Ângela e com o resultado positivando uma gestação.

Fiz um exame de sangue para ter certeza, e que também positivou. A imagem da menina e da mãe dela ficavam dentro da minha cabeça. Fui até um centro espírita para tentar entender o que estava acontecendo, me falaram tantas coisas que me amedrontavam, como: esse espírito (da mãe) pode querer te fazer mal, atentar sobre a tua vida ou a da criança; a criança pode nascer com algum problema de saúde; a gestação pode não ir até o fim, entre outros. No entanto, segui com a gestação. No centro espírita, fui alertada de que, se a criança fosse, de fato, uma menina, eu deveria fazer uma libertação para o espírito da mãe dessa menina.

O tempo foi passando e descobri que sim, era uma menina. Não fiz qualquer coisa, segui tudo normal. A gestação foi tranquila, apenas no último trimestre comecei a ter pressão alta — tudo controlado. Marcamos a cesárea para o dia 3 de fevereiro de 2016. E, assim, aconteceu, naquele dia 3 de fevereiro de 2016, às 10h05min, Alice nasceu, perfeita, com saúde e mamando no peito muito bem. Alice foi uma bebê muito tranquila, mas quando estava com um ano de idade, se acometeu de uma gripe na creche e a infecção da garganta subiu para o ouvido, rompendo os dois tímpanos dela, no instante que a vi daquela forma, imediatamente lembrei da menina do sonho, pois ela tinha sangue na cabeça como se saíssem dos ouvidos.

Passamos anos em tratamento com Alice no HPS Conceição em Porto Alegre, e, em agosto de 2023, Alice fez a

cirurgia de correção de tímpano, foi uma angústia muito grande para meu coração, pois Alice estava com a mesma idade que a menina do sonho, e pasmem, Alice é fisicamente igual a menina do sonho. Embora toda a semelhança física, Alice tem uma vida saudável e eu nunca mais sonhei com a menina e nem com a mãe dela e espero também nunca mais sonhar.

Histórias da minha infância

Leticia Santos da Silveira

Lembro-me como se fosse ontem, eu com 5 anos de idade tentando andar de bicicleta, caindo, levantando, mas nunca desistindo... Eu não tinha bicicleta, era sempre emprestada de alguém, pois meus pais não tinham condições de comprar uma, mas nem sempre eu conseguia bicicleta emprestada, pois não era com frequência que eu podia sair na rua. Minhas tentativas começaram aos 5 anos, mas eu só consegui aprender mesmo com 10 anos: depois de vários tombos no mesmo dia, eu finalmente consegui me equilibrar e seguir em frente; naquele dia, minha vizinha da época me emprestou a bicicleta e eu insisti que ela não pegasse de volta até eu conseguir andar, ela concordou...

Foi lindo: cai aqui, levanta ali, e depois de muita persistência, finalmente cheguei ao meu objetivo, que era me equilibrar e andar sem cair, joelhos e cotovelos ralados, mas a emoção de finalmente conseguir me fez perceber que valeu cada tombo! Cada tentativa, cada vez que eu pensava: “hoje eu aprendo”, mais perto eu ficava de conseguir, pois eu tive muita insistência. Lembro também de uma vez em que meu pai colocou-me na bicicleta dele e ficou na garupa, e disse: “anda, hoje quem vai me carregar vai ser tu!”. Eu, bem valente que era, fui, porque sempre gostei de desafios, foram duas pedaladas e o tombo veio... ralei os dois joelhos, cotovelos, ombro, chorei muito pois achei que ia morrer, sim, eu era exagerada e medrosa...

Contudo, depois disso, ri muito pela aventura, meu pai sempre me apoiou e sempre dizia: “tu vai conseguir, eu sei”. Para minha alegria, e também minha tristeza, certa vez meu pai achou que iria poder comprar, finalmente, minha bicicleta, tirou o banco da frente do fusca que tínhamos na época e fomos ao centro, chegando lá, meu pai foi ao banco ver o valor que ele achava ter, e para minha tristeza, não havia o valor para efetuar a compra... Fiquei triste e vi que meu pai também ficou, e por isso fiquei mais triste ainda, mas mesmo assim eu sempre andei na bicicleta do meu pai, uma Monark vermelha antiga, mas muito boa para andar

O tempo passou e eu estava com quase 15 anos de idade, quando o marido de uma prima me disse que ia me dar de presente uma bicicleta, eu fiquei bem feliz, e também com um pouco de receio de não ganhá-la, mas, para minha surpresa, no dia da minha festa de 15 anos, lá estava ela: minha bicicleta tão sonhada! Minha felicidade foi muito grande, andei muito com ela até, literalmente, estragá-la e eu não poder arrumar. Fiquei agradecida, como até hoje sou, para muitos é só uma bicicleta, mas, para mim, era um sonho de infância.

Lembranças de infância

Luciana da Silva

Neste exato momento, me deparo com lembranças de minha infância, que hoje, posso dizer que fui muito feliz. Não só por brincar com bons brinquedos, ter boas roupas ou até mesmo bons amigos de infância, mas



também por ter uma excelente família, constituída por meus avós, irmãos e pais. Apesar de meu pai ter sido ausente, sempre me trazia doces e meu lanche para que eu levasse para a escola.

Lembro-me bem dos finais de semana a tarde, quando não havia nada para fazer, eu e meu avô Dinaldo sentávamos no sofá da sala para jogarmos cartas, onde sempre meu avô ganhava todas as partidas e quando ficávamos entediados, ele pegava seu violão e sua caixa de som para tocar e cantar... uma música que jamais esquecerei se chama “tristeza”, cuja letra diz: “Tristeza,

por favor vai embora, minha alma que chora, está vendo o meu fim”, e ele cantava muito.

Há uma lembrança que jamais esquecerei que é de minha amada avó Eva na cozinha, com suas mãos de fadas, correndo de lado a lado com seu avental pendurado em seu peito para fazer as deliciosas comidas que cheiravam longe. Sabe como é comida de vó, não tem nada igual, por isso que aos finais de semana a casa estava sempre cheia, todos sempre apreciando os seus belos pratos... o seu prato de destaque sempre foi sua maionese, acompanhada de uma boa macarronada e galinha caipira ao molho, com um grande detalhe: a massa era feita por ela e a galinha era criada no quintal de casa.

Deparo-me agora com uma simples lembrança que me fez sorrir. As rodas de pagodes que meu tio Francisco fazia em casa junto aos seus amigos, como era bom ver todos tocando seus instrumentos, cantando e alguns dançando. Minha tia Cleonice, junto a minha avó, preparando os aperitivos para todos comerem, pois o pagode começava à tarde e acabava no raiar do sol do outro dia.

Não esqueço, também, de minha mãe, que, apesar de estar sempre trabalhando, quando tirava uma folga, levava-nos a passear na casa de meus avós maternos, que fica situada em Viamão... ou a fazer compras, que era o melhor.

Estas lembranças que sempre visito em minhas memórias trazem saudades, mas também muitas felicidades, pelo privilégio de tê-las vivido.

O recomeço

Maisa Falcão Ishikawa

O ano de 2020 foi o ano de superação, de renovação da fé e esperança, quando muitas vidas foram perdidas. Eu trabalhava em um salão de beleza, que acabou fechando, devido à crise das



restrições por conta da Covid, do abre-e-fecha, e das restrições, infelizmente, não foi possível mantê-lo. Na época, lembro bem que foi um desespero, pois

mesmo casada e meu marido, Tiago, com seu trabalho fixo, ele corria o risco de ser demitido, já que muitas empresas acabaram falindo naquele ano, mas Deus nunca abandona aqueles que têm fé. Tive que me reinventar, porque não podia ficar parada, já que trabalhar em contato com clientes estava difícil, devido às restrições, distanciamento, então comecei a fazer máscaras e graças a Deus foram mais de 5 mil máscaras vendidas. Fora isso, aproveitei para fazer cursos em EAD, fui me profissionalizando. Após isso, coloquei na cabeça que queria me reinventar, fazer algo pelo nosso futuro, e quando digo nosso, me refiro a mim e a meu marido.

No ano de 2022, meu enteado veio morar conosco, algo almejado há muito tempo por nós, já que, assim, ele estaria sob nossos cuidados e com a atenção devida que uma criança precisa, além de crescer junto com os meus 2 filhos. Nossa virada de chave veio quando eu, querendo incentivar meu marido a voltar a estudar. Me matriculei, então, no curso Técnico em Administração, no IFSUL, em 2022, e Tiago acabou se matriculando também; era época de sorteio para entrada no curso, lembro bem que eu fui sorteada, e meu marido ficou de suplente; mesmo assim, ele não desistiu, e logo o chamaram para ocupar a vaga, foram dias difíceis, provas, trabalhos, casa, filhos e serviço, foi cansativo, por vários momentos ele pensou em desistir, mas eu nunca o deixei cair. O retorno foi vindo aos poucos, pois no serviço ele conseguiu mudar de cargo, teve aumento de salário, e se mostrou um ótimo profissional, tudo graças ao seu esforço, sua dedicação e seu estudo que foram reconhecidos, e assim, pôde mudar nossa vida financeira para melhor, e cada vez se empenhando mais.

Eis que no ano 2023, em março, fomos surpreendidos com a notícia de que eu estava grávida, para nós foi mais uma realização, pois há muito tempo pensávamos nisso, porém, achávamos que já tinha passado do tempo. Deus, mais uma vez, havia agido e mostrado que tudo é no tempo Dele. Naquele momento, fiquei em choque, pois meu filho mais velho tinha 16 anos, e meu filho mais novo 10 anos. Em momento algum fiquei triste, só soube agradecer, porque só eu sei o quanto nós desejávamos isso, porém senti um medo, e quando digo medo, quero dizer sobre dar conta de tudo: ser mãe de 3 filhos de sangue e 1 de coração, cuidar da casa, dos filhos e administrar

os estudos. Confesso que foram dias de muitos enjoos, bastante mal estar por conta da gestação, mas graças a Deus, em momento algum, pensei em desistir, consegui passar de semestre, mesmo com o barrigão, com o cansaço e com as dores nas costas, continuo firme e forte, e me permito descansar as vezes, mas desistir nunca.

Um Sonho

Maria Cristina Renner

Aos 14 anos de idade, conheci meu marido, e aos 16 anos, parei de estudar. Na época, ainda éramos namorados, mas ele já não aceitava que eu



estudasse... Com 18 anos, começamos a morar juntos, e aos 20 anos tivemos nosso primeiro filho, Alexandre, que hoje está com 28 anos. No mesmo ano, casamo-nos na igreja e três anos depois tivemos nosso segundo filho, Carlos, que hoje está com 25 anos.

E eu sempre com aquela sensação de que faltava alguma coisa para retornar aos meus estudos, mas sempre era “cortada” quando falava no assunto com meu marido.

Dez anos depois, nasceu minha menina, Aline, hoje com 15 anos, minha amiga e minha companheira. No ano de 2020, meu marido faleceu de complicações do Covid, foi muito difícil recomeçar, pois não tinha estudo e nunca havia trabalhado fora, foi então que resolvi me inscrever e voltar aos estudos. Em 2021, comecei a estudar no IFSul, mas em 2022 precisei parar, pois minha filha, com a morte do pai, ficou com traumas e, por esse

motivo, às vezes pensei em desistir, porque uma vez ou outra ela tem crises de ansiedade.

Esse ano, 2023, consegui meu primeiro emprego com muito orgulho. Minha sogra trabalha na casa de uma advogada e falou de mim a ela, entregou meu currículo, e no dia seguinte, fiz uma entrevista e fui contratada. Hoje, sou secretária de uma advogada criminalista, onde estou aprendendo muitas coisas. No entanto, meu sonho mesmo, desde de criança, é ser professora, então, terminando o ensino médio, pretendo fazer Magistério.

Falta pouco agora para conseguir realizar meu sonho, de dar aulas para os pequenos.

O preconceito nos derruba ou nos impulsiona

Maria Maquela Mendes Pereira

A vida tem muitos obstáculos, para cada um há um diferente, ou até o mesmo, todos temos um caminho, seja ele árduo, triste, pesado, emocionante, leve, tranquilo, humilhante ou turbulento para trilhar, nem todos caminhamos pela mesma rua ou pelos mesmos trilhos, nem usamos os mesmos sapatos, mas, muitas vezes, tropeçamos na mesma pedra ou até caímos no mesmo buraco. Há quem consiga passar por esses tropeços e quedas no caminho sem sequer ter um joelho ralado ou um hematoma, mas tem os que se ferem feio no caminho da vida e não conseguem seguir adiante, e tem os que como eu que se ferem feio, mas depois de muita luta conseguem fazer com que os hematomas e as feridas adquiridos na estrada se transformem em potentes ferramentas para impulsionar a caminhada e usam das mesmas ferramentas para quebrar as pedras e tapar os próximos buracos que encontra no caminho da estrada da vida.

Hoje a história contada aqui será da estrada que caminhei, das pedras que tropecei e do buraco que caí ao longo do caminho, que, por pouco, não fui soterrada. Antes de chegar onde estou hoje, no dia 3 de outubro de 2023, em uma noite fria às 00h20min comecei a passar minha história para o papel, certamente com lágrimas no rosto irei começar a colocar as palavras e frases em ordem aqui para essa história ser contada, pois ainda dói um pouco lembrar esse caminho que trilhei, acredito eu que se ainda dói, um pouco que seja, significa que estou no caminho certo, pois o dia que eu lembrar essa

caminhada que vou lhes contar sem sentir nada é sinal de que me perdi na estrada e me tornei uma pedra similar às que um dia tropecei.

Aos 12 anos de idade, faltando 13 dias para completar os meus 13 anos de idade, em dezembro de 2004, conheci o grande amor da minha vida, o pai dos meus filhos. Ele, com 14 anos, quase completando seus 15 anos, foi, e é, até hoje, um amor excepcional, apesar de sermos novos demais na época, sempre tivemos uma cumplicidade e um companheirismo inigualável. Quero deixar claro que não romantizo a gravidez ou casamento na adolescência, pois não é porque deu certo para mim, que dará certo para os outros, até porque cada um tem uma cabeça e uma criação diferente. Ao longo do tempo, esse amor entre nós só crescia e acabamos, então, constituindo uma família.

Parei os estudos e me dediquei à minha filha, mas no ano de 2012 voltei a estudar. Novamente tive que interromper os estudos, pois engravidei do meu segundo filho, e no ano de 2015, do meu terceiro e último filho, o meu caçula. Essas foram as minhas escolhas e não é aqui que vocês verão as pedras e buracos que eu topei no caminho, mas as escolhas que fiz e não me arrependo, por mais que eu tenha aberto mão do meu sonho de ser advogada e de ter uma vida melhor com estudo, uma carreira profissional, eu abri mão para construir e lapidar o bem mais precioso que há no mundo: uma família.

Em março de 2017, conheci um advogado, que irei referir como ADVX, através de uma amiga, e acabei conhecendo o escritório de advocacia que tinha parceria com aquele profissional, e lá conheci o Alexandre e o Thiago, que eram estudantes de Direito e comandavam o escritório. Por meio

deles, foi-me dada uma oportunidade de trabalho que mudou a minha vida, comecei trabalhando como captadora de possíveis clientes, e, em menos de 4 meses, os meninos colocaram-me para trabalhar dentro do escritório, valorizando o meu desempenho e dedicação. Thiago e Alexandre sempre me incentivando a retomar os estudos, até que, uns 3 meses depois, Thiago chegou para mim com uma nova oportunidade que ele conseguiu com ADVX, de me contratar especificamente para trabalhar em seu escritório de Novo Hamburgo para gerenciá-lo. Foi, então, que começaram a surgir as pedras no caminho. Fui muito feliz para esse novo trabalho, ao chegar lá, fiquei de “cabelo em pé”, pois era uma verdadeira “bagunça”, literalmente o caos, não havia uma organização ou sistema eficaz, mas clientes insatisfeitos, não só por culpa de ADVX, mas também de seus funcionários, que paravam de trabalhar e levavam tudo na brincadeira quando da sua ausência no escritório. Havia pastas, documentos, papéis, materiais de trabalhos por todo lado, não havia qualquer organização, e então pedi ajuda aos meninos — Alexandre e Thiago — para que me ajudassem e eles aceitaram. Ao chegarem lá, ficaram espantados ao verem o caos que era aquele lugar.

Em um mês, no entanto, trabalhando até nos finais de semana e fazendo horas extras, de segunda a sexta, conseguimos colocar tudo no lugar. Criei o arquivo morto, além de criar setores como: área civil, área trabalhista, sala do advogado, sala de atendimento ao cliente, recepção, sala de arquivo dos clientes, estoque de material de trabalho. Criei, também, o sistema de controle de gastos, já que, até então, tais gastos não eram controlados. Muita coisa era colocada fora, sem uso, e materiais

eram comprados sem necessidade alguma, era um desperdício enorme de recursos e de dinheiro.

Quando finalmente consegui organizar tudo, eis que em um belo dia surge a pedra em que eu comecei a tropeçar todos os dias. Dali em diante, confesso que, no começo, eu não sofria nenhum arranhão com aqueles tropeços ou eu não percebia que os arranhões eram silenciosos e que, aos poucos, foram causando hematomas e que a tendência era só aumentar. Vamos chamá-la de “Pedra Z”, a Pedra Z, quando cheguei nesse escritório, não era devidamente valorizada e era sobrecarregada de trabalhos dos quais ela não gostava, pois era uma estudante de Direito e estava empregada como estagiária de recepção. Eu, com toda mudança já feita, decidi conversar com ADVX e sugerir que designasse a área trabalhista para a Pedra Z trabalhar sendo contratada como estagiária de direito, pois era o correto a ser feito.

Pedra Z, assim, ficou muito feliz e agradeceu, mas eu só comecei a tropeçar quando contratei a Pedra Y que, por incrível que pareça, era colega de faculdade e amiga de infância da Pedra Z. Foi então que tudo começou... as pedras juntaram-se no mesmo setor e por onde eu andava naquele escritório eu tropeçava, contudo, eu não conseguia enxergar as pedras e acreditava que estava tropeçando sozinha, era nesse momento que os tropeços não doíam ou causavam arranhão algum, até o dia que escutei, sem querer, as pedras conversando sobre cada tropeço armado por elas e rindo muito de cada um deles e, no final, planejando o próximo, mas até então, tudo bem, não me importei, mas dali em diante eu ficaria mais cuidadosa, sobre onde eu pisaria para evitar o tropeço. A partir de então, desviei

de muitos tropeços e isso enfureceu as pedras, pois elas queriam a todo custo fazer com que eu tropeçasse logo para fora do escritório, pois a Pedra Z queria voltar ao sistema antigo, de quando ADVX não estivesse presente, não se trabalharia, porém, comigo ali, isso não era possível.

Então as pedras se juntaram com a mãe de ADVX, que era proprietária do prédio que se situava o escritório e essa era a desculpa que ela usava para ir até lá todos os dias. Ela tinha acesso às câmeras do escritório e só aparecia por lá cinco minutos depois que ADVX saía, e, então, juntava-se às pedras Y e Z e ficavam falando inúmeras humilhações e incontáveis absurdos ao meu respeito, como se eu não estivesse lá para ouvir, frases como: “ela é pobre, não tem classe o suficiente para trabalhar em um escritório de advocacia; ela não tem roupas adequadas de boas marcas para sequer estar aqui; ela não tem estudo o suficiente; ela mora em vila, a casa deve ser uma tapera; ela não deve nem saber se portar em uma mesa; ela não tem fineza; ela é pobre, ignorante e morta de fome; ela é gorda e horrorosa; os filhos dela devem ser sujos e mal cuidados, pois ela é pobre; ela nunca conseguirá ter estudo, por isso que está aqui, o Dr. ADVX tem é pena, ela está aqui só por caridade do doutor, essa pobre, semianalfabeta; ela nunca conseguirá entrar em uma Faculdade de Direito, essa pobre, a não ser que seja para roubar, daí ela dá um jeitinho”.

Eu aguentei cada palavra que elas lançavam ao vento ao meu respeito por quatro meses, mas, ao final, eu já estava cheia de hematomas e com muitos arranhões, que já estavam se tornando feridas expostas, já não tinha forças para me movimentar mais, estava quase impossibilitada de continuar a

minha caminhada na estrada da vida. Minha estrada estava ficando sem luz, sem brilho, quase que uma escuridão, até que Alexandre apareceu para me ajudar em algumas questões de trabalho e no terceiro dia ele presenciou tudo e na mesma hora ligou para ADVX e tirou-me de lá, me trouxe de volta para o escritório de Sapucaia.

Aproximadamente um mês se passou e eu não havia percebido que tinha caído em um buraco e estava soterrada até o pescoço, então o escritório mudou de endereço e foi para Esteio. Aos poucos, com a ajuda dos meninos, eu conseguia tirar um pouquinho de terra de cima de mim a cada dia. Passados dois meses que já estávamos em Esteio, inesperadamente meu celular não parava de receber ligações e mensagens de pessoas querendo comprar um carro, fui atrás tentar descobrir o que estava acontecendo e acabei tropeçando novamente na Pedra Z, pois ela havia feito um anúncio falso na OLX se passando por mim, anunciando um veículo por “preço de banana” e divulgou o meu número para contato. Foi, então, que dei o primeiro passo para transformar as minhas feridas e hematomas em ferramentas potentes que me ajudassem a sair de vez do buraco. Então, chorando, mostrei o anúncio ao Alexandre, ele me disse:

— Está na hora de você colocar essa pedra no seu devido lugar, quebrando-a de vez, pois você sabe Direito muito mais do que ela, mesmo você nunca tendo colocado os pés em uma faculdade, você aprendeu, na prática, muito melhor do que ela. Está na hora de você reagir!

Comecei, então, a tirar print de tudo, das inúmeras mensagens e ligações que estavam chamando sobre o tal anúncio, do anúncio em si, da conta que publicou o anúncio, do

número cadastrado na tal conta que fez a publicação, do perfil do WhatsApp que pertencia àquele número, que era da Pedra Z, além de print da conversa em que pedi que Pedra Z retirasse o anúncio, pois estava me prejudicando, já que eu usava o celular no trabalho. Na mesma conversa, ela assumia o que tinha feito e se negava a retirar o anúncio do ar. Então juntei tudo e fiz um boletim de ocorrência (B.O.) e entrei com um processo civil por danos morais e outro processo criminal.

No dia da audiência, diante dela, pedi ao juiz para que me ouvisse para, assim, ele entender a gravidade e o porquê da situação, então contei tudo que tinha acontecido desde o início, todas as humilhações e preconceitos cometidos por Pedra Z contra mim, por mais de 4 meses. Comecei a contar tranquilamente, mas, no meio do caminho, desabei no choro... mesmo chorando, continuei a narrar tudo. Foi quando eu terminei de falar que o juiz perguntou para Pedra Z o que ela tinha a falar, mas ela simplesmente disse: “Quero apenas pedir desculpas a ela”, então o juiz a questionou:

— Onde você faz Direito? Por que você faz Direito?

E Pedra Z respondeu:

— Fazia na Feevale, mas tranquei, porque meus pais, que pagavam o curso, deixaram de pagar devido a esse processo. Disseram para eu trabalhar e pagar sozinha. Como é muito caro, eu não consigo pagar. Fazia Direito porque quero ser delegada da civil.

A partir da próxima fala do juiz, me senti de “alma lavada”, o juiz disse, então:

— No meu tempo, a Feevale tinha alunos de Direito mais inteligentes, pois você, estudante de Direito, decidiu cometer um crime e deixar um rastro absurdo de provas contra você mesma no caminho, além de assumir o crime cometido por mensagem. Você não deve ter prestado atenção alguma nas aulas da faculdade, pois isso é inacreditável. Indico que você mude como pessoa ou desista de ser, algum dia, delegada, pois hoje vou te ensinar uma lição que é pra você levar para a vida: a lei é para todos, para ricos, pobres, negros, brancos, homossexuais, héteros, para todos! Entendeu? Todos somos iguais perante a lei, você consegue compreender o significado disso? Como que uma pessoa arrogante, prepotente, preconceituosa, mesquinha e de tamanha estupidez vai ser delegada ou, sequer, atuar na área do Direito, uma pessoa assim não dura como delegada, pois vai acabar “metendo os pés pelas mãos” e sendo exonerada em menos de três meses de trabalho, você vai pagar uma indenização simbólica de cinco mil reais. Como você vai fazer para pagar, não me interessa, porque pelo que pude perceber, o intuito da autora não é de conseguir dinheiro com esse processo, mas sim, justiça a fim de te ensinar uma lição. Mesmo a autora não tendo ensino médio completo, sendo “semianalfabeta” como você a intitulou várias vezes, mesmo sendo pobre e humilde, ela sabe muito mais de Direito sem, sequer, ter pisado em uma sala de aula, pois a mesma aprendeu na prática, se dedicou e se empenhou por cada ensinamento obtido, ao contrário da ré... Eu desejo que você mude como pessoa ou terá inúmeros problemas

ao longo de sua vida. Se eu pudesse falar com seus pais, atribuiria um pouco dos seus erros a eles, pois tenho a certeza de que você ganhou tudo “de mão beijada” até agora, e, sinceramente, faltou-lhe uma “bela surra” na sua adolescência por parte dos seus pais. Agora quero dirigir as minhas palavras à autora: sinceramente, desejo tudo de bom a você daqui para frente, desejo que consiga, com êxito, sair dessa depressão, que volte a estudar, pois você é muito inteligente, quero um dia ter o prazer de cruzar com você novamente aqui ou em outro fórum que seja, mas com você formada e já exercendo a profissão e, se possível, como minha colega de profissão. Prove a si mesma e à sociedade que você consegue, sim, alcançar todos os seus sonhos, mostre que preconceito nenhum nos define, faça desse pesadelo que você viveu aprendizado e motivação para seguir a sua caminhada. Sugiro que você tente entrar para o IFSUL, comece por lá e depois vá para uma faculdade, você tem potencial, nunca se esqueça disso.

Sai daquela sala de audiência me sentindo mais leve e dali em diante voltei a estudar, me inscrevi para o IFSUL e consegui entrar, hoje estou a pouco mais de 2 semestres de me formar e pretendo fazer faculdade depois daqui, claro que, de Direito. Se um dia for possível, voltarei ao Campus para contar a minha história, espero que muito mais pessoas consigam, como eu, transformar as suas feridas e dores em ferramentas para auxiliarem as suas caminhadas, sei que não é fácil sofrer preconceito e humilhação, pois quase me perdi na escuridão que se abateu na minha estrada, mas depende de cada um de nós decidir se vamos nos entregar a essas dores e ferimentos ou se vamos transformá-los em ferramentas. Desejo a cada um que

está tendo que enfrentar e sentir esses tipos de feridas um Alexandre e um Thiago em seu caminho, pois uma rede de apoio nesses momentos faz toda a diferença.

Meu recomeço

Rafaela Parodes Borges

Sou natural de Bagé e no ano de 2021 mudei para Sapucaia do Sul em busca de novas oportunidades de emprego, onde, junto com minha companheira, começamos a trabalhar. Os dias foram passando e percebi a necessidade de adquirir novos conhecimentos, afinal havia completado o ensino médio há quase dez anos e muitas coisas eu não lembrava mais. Foi quando, por meio de uma colega de serviço, fui informada do curso de Técnico em Administração, do IFSUL, campus Sapucaia do Sul. Fiquei animada e logo procurei informações, pois além de ser bem avaliado, era em um lugar próximo a minha casa.

Aguardei a abertura das inscrições, me inscrevi e fui selecionada. Fiquei contente e, com o incentivo dos amigos e da esposa, comprei materiais e me preparei para o primeiro dia de aula, que foi no dia 10 de junho de 2022. Mas algo saiu como não esperávamos, naquele mesmo dia, à tarde, fui assaltada e levaram o que eu tinha de maior valor financeiro: meu carro!

Meu chão caiu, pois batalhei muito para comprá-lo, mantê-lo e usufruí-lo. No mesmo instante, pensei em desistir de tudo, inclusive de continuar com o curso. Porém, com o estímulo da minha companheira e dos amigos, resolvi continuar, sem a certeza se daria certo ou não. Confesso que no início eu não conseguia me concentrar e pensei em desistir inúmeras vezes. Alguns professores e colegas também foram ótimos incentivadores para que eu chegasse até aqui.

Não recuperei meu carro até hoje, mas agradeço a Deus todos os dias pela minha família, amigos e, principalmente, pela força que ele me dá todos os dias ao acordar para alcançar meu tão sonhado diploma de Técnico em Administração.

Casal que estuda unido, se forma unido

Tiago de Castro de Souza

Quando conheci a Maísa, no início do ano de 2018, jamais imaginei que hoje estaria aqui compartilhando essa história. Nossa trajetória começou igual a tantas outras por aí, nos conhecemos através de amigos em comum e com o tempo fomos nos conhecendo, e por fim, começamos a namorar.

Com o passar dos meses, resolvemos morar juntos e começamos a fazer planos para o futuro, ela com seus dois filhos, Cauã — de 11 anos de idade — e Vitor — de 5 anos de idade —, e eu, com o meu filho Gabriel, de 5 anos de idade. O tempo foi passando e com ele a certeza de que tínhamos tomado a decisão certa, e que era hora de dar um passo adiante na nossa relação. Foi então que, em março de 2019, viajei para Santos, no estado de São Paulo, para formalizar o pedido de casamento perante a família dela.

Com direito a aliança e tudo mais, o pedido foi aceito e, em novembro do mesmo ano, nos casamos na igreja. Maísa foi a pessoa que me incentivou a voltar aos estudos, tanto que se inscreveu junto no mesmo curso de administração. Desde então, somos colegas de classe, e como toda história de amor que se preze, faltava um bebê. Em março de 2023, mais precisamente dia 29, dia do meu aniversário, recebi a notícia de que seríamos papais! Aquele foi, com certeza, um dos dias mais felizes da minha vida, enfim, nosso tão sonhado filho estava a caminho.

Compartilhamos todos os momentos juntos, tanto os bons quanto os difíceis... em casa, temos apoio dos nossos filhos, um

cuida do outro para que a gente possa continuar nessa jornada. Confesso que trabalhar, estudar e cuidar da família não é uma tarefa fácil e quando um está quase desistindo do curso, é incentivado e recebe força do outro para continuar, pois o objetivo é chegarmos ao final dessa caminhada juntos.

A Travessia

Yiserling Daneska Fernandez Salazar

Tudo começou no mês de abril de 2019, na Venezuela, país de onde eu sou. Lembro-me claramente como se fosse ontem, era uma temporada cheia de escassez, de alimentos, água, luz, gás, entre outras. Quando pensamos na falta de recursos de necessidades básicas, até então aceitamos, porque muitos passamos por isso, mas naquele tempo era mais do que isso, pois havia escassez de amor e de respeito humano.

Por muitos anos, desde que baixou a economia na Venezuela, eu me sentia corajosa, nada me abalava. Cabe ressaltar que, desde 2016, me tornei mãe solo de dois lindos meninos, mas comecei a sentir que não podia mais... Me sentia cansada, esgotada, porque, por três anos, tinha três trabalhos e sempre que chegava o final do mês, era como se a batalha que peleava diariamente fosse sempre perdida... Olhava para meus filhos, com os olhos cheios de lágrimas, dizendo: “não posso, não tenho, outro dia eu te dou”, e aquelas eram as frases mais repetidas do dia a dia, não esquecendo que, ao observar ao meu redor, muitas pessoas próximas de mim iam embora para outros países, deixando família, amigos, trabalhos, casas, deixando para trás muita história.

Eu, porém, era daquelas pessoas que não queria chegar a fazer isso, talvez por medo ou falta de coragem... Desde os meus 17 anos, me tornei mãe, deixei de estudar para dedicar-me a meus filhos, e sempre senti que eles tinham que estar perto de mim, sem importar as circunstâncias, e isso era o que me

convencia a não sair do país. Contudo, naquele ano de 2019, eu queria outra coisa, eu já não queria mais ver meus filhos olharem para outros meninos e perguntarem o motivo por que os outros tinham e eles não, se eu trabalhava tanto...

No mês de abril daquele ano, comecei a conversar, por telefone, com uma amiga que havia viajado para Manaus/Brasil fazia dois anos, quando essa amiga me ofereceu espaço para morar com ela para que eu pudesse trabalhar, mas teria de ir sozinha, porque ela não tinha espaço para acolher mais de duas pessoas, além do fato de que seu irmão também iria. Comecei, então, a me sentir decidida, mas com muitas dúvidas, cheia de medos e de tristeza, me imaginando longe dos meus filhos e da minha mãe, pois não sabia por quanto tempo ficaria sem vê-los, principalmente porque estava tentando superar a dor da perda de uma tia muito próxima que havia nos deixado, partindo deste mundo. Não queria, então, deixar minha família nestas condições. Porém, decidi sair assim mesmo, pensando justamente neles.

Foi difícil, sempre é dito que quanto mais a gente se despede, mais demorado é para se encontrar de novo, por isso não me despedi deles, mas somente da minha mãe, que estava acordada, pois eram 5 horas da manhã, do dia de partir e começar a travessia que estava marcada para mim, e a princípio o primeiro ônibus levaria 24 horas até chegar à cidade de Roraima, porém não imaginávamos que encontraríamos a fronteira da Venezuela com o Brasil fechada, e teríamos que ir pela selva, andando, o que levaria mais de duas horas... Havia homens que levavam a gente até a fronteira por dinheiro, e pelo caminho, nos encontrávamos com muito lodo, rios, e caminhos, cheios de

medo, sendo que, às 16 horas, com medo, molhados, sem comer e com as malas cheias de lodo, tudo parecia não dar certo, mas conseguimos chegar! Eu tinha tanto medo porque sempre ouvíamos coisas assustadoras sobre esse caminho, mas cheguei e foi uma grande satisfação, nos receberam e conseguimos esperar para pegar o ônibus para Manaus. Naquele dia, começou uma nova história para mim, um começo difícil, doloroso, com muitas dificuldades, dor, tristeza, sem conhecer a língua do país, muitas vezes sem entender o que era, as pessoas tão estranhas para mim, muitas vezes sendo olhada mal por conta da minha vestimenta, porque trabalhava na rua com a mesma roupa e saía com a mesma roupa todos os dias, e assim foi por dois meses...

As dificuldades do caminho não acabaram, depois de duas semanas, desde o dia que cheguei, falaram para minha amiga desocupar o kitinete onde morávamos, e foi então que não tive mais opção e saí a buscar um lugar onde dormir. Aquele momento, lembro que foi muito pesado, triste e doloroso... Na Venezuela, minha mãe esperava por mim para dar comida para as crianças; a minha família de lá ajudava, mas as condições eram as mesmas, a dor do fracasso que eu sentia era algo que não desejo para ninguém...

Foi então que fiquei doente e fiquei encerrada em uma habitação que o pastor da igreja havia alugado para mim por R\$ 100, e lá fiquei por três dias sem comer, porque estava com três pedras no meu rim. Não tinha telefone para avisar que não conseguia levantar por conta da febre e dos vômitos que eu estava. Não tinha comunicação com a família nem com os amigos... Eu sempre tive fé em Deus, e para muitos pode parecer absurdo, mas no segundo dia, enquanto eu orava para

Deus tirar toda dor que eu sentia — porque não tinha dinheiro para medicamentos, nem podia me levantar para descer as escadas — naquele dia senti que alguém estava na minha habitação colocando sua mão em mim, eu só senti, não fiquei assustada, ao contrário, senti uma tranquilidade... dormir toda a noite e no outro dia levantei, era domingo e fui à igreja agradecer.

Realmente foi uma experiência que nunca esquecerei em minha vida, minha amiga nunca imaginou algo assim, ela pensava que eu estava trabalhando, naquele momento havia pouco tempo que eu estava trabalhando em uma padaria, onde trabalhava das 5h30min até as 20h por R\$ 25 por dia, de segunda a segunda. Passados os dias, continuei trabalhando, nunca contei isso para minha família, pois não havia sentido, ninguém podia fazer por mim, só iria conseguir que minha família se preocupasse, mas estavam muito longe para fazer algo! Só poderia continuar ou desistir e voltar...

Mas não foi assim... só pensava que tudo é um processo, uma busca persistente. Lembro-me que não houve sequer um dia que não chorei lembrando dos meus filhos, me perguntando se realmente, em algum momento, teria algum sentido tudo o que eu estava fazendo, se eu iria conseguir sorrir de novo, até que no final do ano de 2019, decidi ir buscar meus filhos... eu não tinha como economicamente, mas fui, só desejava ir por eles, até que um dia, um pastor se aproximou de mim e me falou que se um dia eu quisesse carona até Boa Vista ele estaria disponível porque ele fazia viagens para lá, e foi uma grande surpresa para mim, decidi ir, foi uma das maiores felicidades em minha vida naquele ano.

Depois da pandemia, decidi vir para o Rio Grande Do Sul, pois tinha uma tia que morava aqui, e quando cheguei em Sapucaia do Sul, desde o primeiro dia, senti que seria um melhor começo, tomei a decisão de continuar a estudar e dar coisas melhores para meus filhos que nunca conseguia dar. Quando ganhei o sorteio de seleção para estudar no IFSul foi uma grande felicidade e satisfação por ser a conquista de um sonho que já almejava há muito tempo, e diferentemente dos outros sonhos, este se tornou realidade.

Agora entendo que enquanto continuar sonhando e não tentando torná-lo real, só continuará sendo um sonho... Minha travessia teve lágrimas e sofrimento, mas me deixou um ensinamento: desistir nunca esteve presente na minha vida, e o caminho entre dois países muito diferentes deram a mim a capacidade de seguir até onde eu queria ir, sem limitações pelas dificuldades, nem enfermidades, nem fome, nem dor, nada pôde deter o meu sonhado caminho.

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Baixe a versão digital desta e de todas as edições anteriores do Histórias que Merecem ser Contadas no site www.sapucaia.ifsul.edu.br ou acesse diretamente pelo QRCode ao lado.

